

## Sommaire

Introdução .....	3
Observações gerais sobre o mundo e a vida monástica atual .....	5
1) Comunidade .....	9
2) <i>Leadership</i> Liderança .....	12
3) Formação .....	15
4) Vocação .....	18
5) Trabalho .....	21
6) Estabilidade económica e financeira .....	24
7) O lugar do mosteiro na Igreja local e na sociedade .....	27
Conclusão .....	31

### **Alliance Inter-Monastères**

7 rue d'Issy 92170 Vanves - France  
Tél. : (+33) 01 46 44 60 05 • info@aimintl.org  
<http://www.aimintl.org>

BNP Paribas :  
IBAN : FR76 3000 4008 3600 0042 4286 757  
BIC : BNPAFRPPBBT

# ALLIANCE INTER MONASTÈRES

## Um Espelho da Vida Monástica Para Hoje

Reflexões da Equipe internacional da AIM  
Sobre os desafios atuais da vida monástica



# **Um Espelho da Vida Monástica Para Hoje**

Reflexões da Equipe internacional da AIM  
Sobre os desafios atuais da vida monástica



## INTRODUÇÃO

Este breve documento é fruto de conversas informais entre os membros da Equipe internacional da AIM, dirigida pelo P. Jean-Pierre Longeat, seu presidente. As reflexões, reunidas aqui, são apresentadas para encorajar o diálogo nas comunidades, sejam elas grandes ou pequenas, situadas em qualquer um dos Continentes, e nas mais diversas circunstâncias. Referem-se aos desafios com que se confronta o monaquismo de hoje. O que dizemos talvez não reflita, pelo menos em parte, a situação que você vive no seu país, ou na sua região, na sua comunidade, ou na sua Congregação. No entanto, esperamos que este documento ajude para discernir como Deus nos conduz, hoje, ao sopro do Espírito, no caminho em que o Cristo nos chama segui-lo, segundo o modo de São Bento. Propomos estas reflexões com humildade, como um trampolim, para ir mais longe. Sabemos que outros fazem estas mesmas perguntas e se inclinam sobre estas mesmas realidades.

O amor de Deus está no coração da vida monástica. Deus nos chama, porque nos ama, e nós lhe respondemos por amor. É este amor que arde no coração e nos permite ser fiéis e perseverar no mosteiro até à morte. O amor de Deus nos reuniu e chamou para formar uma comunidade, onde pomos em prática os votos beneditinos, procurando a Deus, e dando a nossa vida pelos nossos irmãos. Quando se sabe que Deus é amor, tudo é possível para aqueles que O amam.

Para melhor discernir os apelos que Deus nos dirige hoje, poderíamos articular nossa reflexão de 7 temas, que não se excluem uns aos outros, mas que estão interconectados e intimamente ligados. Cada comunidade poderá adaptar estes temas à sua realidade e à sua situação própria.

1. Comunidade: construir a vida comunitária e dar-se a ela plenamente.
2. *Leadership*: formação e treinamento dos responsáveis de comunidades monásticas.
3. Formação: formação inicial, formação contínua e formação dos formadores.
4. Vocação: discernimento e acompanhamento das vocações monásticas.
5. Trabalho: escolha de um trabalho monástico adaptado e desenvolvimento de uma ética séria do trabalho.
6. Estabilidade económica: tornar-se uma comunidade viável financeiramente, passagem da dependência à autonomia.
7. Relação entre o mosteiro e o mundo: separação e inserção.

Haveria muitos outros assuntos a discutir, por exemplo, os valores monásticos tradicionais e seu lugar na vida monástica contemporânea. No entanto estes sete temas retomam tal, ou tal aspeto destas questões.



## **OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE O MUNDO E A VIDA MONÁSTICA ATUAL**

Os beneditinos e os cistercienses do mundo inteiro partilham as mesmas observações sobre os desafios a realçar hoje. A queda da religião como instituição, o crescimento do individualismo e do relativismo, levaram muitas pessoas a abandonar a prática religiosa. No mundo ocidental, o cristianismo e o catolicismo foram muito afetados. Este estado de espírito contemporâneo alastra-se hoje por todos os continentes.

Um outro fenómeno é o declínio da taxa de natalidade no mundo inteiro. As famílias são menores e com menos filhos. A vida monástica tradicional, e a Igreja católica em geral, cresceram no meio de famílias numerosas, tanto ricas, como pobres, que encorajavam os filhos a abraçar o estado clerical ou religioso. É verdade que isto era às vezes um meio para subir na escala social, ou um meio para ter acesso à educação. Hoje a educação é oferecida a todos, sobretudo

às mulheres, e tornou-se inútil entrar na vida religiosa para fazer carreira nos setores do ensino, dos cuidados de saúde, ou de qualquer outro setor profissional.

O desenvolvimento das comunicações sociais, desde o começo do séc.20, e o progresso rápido da tecnologia da mídia no sec.21, assim como a revolução sexual em todas as sociedades – com exceção das mais tradicionais – fazem que os jovens se sintam livres dos constrangimentos do passado. A igreja e a paróquia não estão mais, hoje, no centro das comunidades cristãs, como outrora, organizando atividades como música, desporto, teatro, dança, grupos de reflexão. A pertença a tal paróquia, ou a tal igreja não é mais importante, para a maioria das pessoas.

Globalmente o viveiro que dava vocações diminuiu muito. Em muitos países as comunidades envelheceram, seus efetivos diminuem; algumas, mesmo, desapareceram. É evidente que há diferenças grandes entre continentes e países; algumas comunidades experimentam uma vida e um vigor renovados. Há sinais de esperança, às vezes canalizados para novos movimentos, ou novas congregações religiosas. Alguns são de tipo monástico, outros integram alguns elementos de vida monástica.

Segundo o missiólogo holandês Herbert Kraemer, o problema não está em que a Igreja vive um tempo difícil. O problema é que esquecemos que a Igreja sempre viveu tempos difíceis. É importante considerar os desafios do tempo presente como um dom de Deus para os tempos de hoje. Não fiquemos nem consternados, nem desanimados diante da precariedade e da fragilidade das nossas comunidades; vivamos da fé em Jesus Cristo, na força do Espírito. Cada época tem seus desafios; em cada época o Senhor diz à sua Igreja – e a nós que vivemos a vida monástica – o que dizia a São Paulo: ”Basta-te a minha graça”. Não percamos a

coragem, não desistamos! A vida monástica é, desde o início e assim será sempre, um ato de fé no Deus que nos chama a procurá-lo, seguindo o Evangelho, segundo os ensinamentos de São Bento.

No entanto, há um contraste impressionante entre a época presente e a que a precede. Sob muitos aspetos o nosso tempo parece muito posterior ao período marcado por uma revitalização da vida monástica (do meio do séc.19 até ao Concílio Vaticano II). Ao longo de todo esse período, a Igreja católica, e em particular o monaquismo, se confrontava com os movimentos sociais mais amplos (Medioevo, respostas a dar à industrialização, necessidade de reencontrar o sentido da vida depois dos horrores das duas guerras mundiais). O número de vocações era muito alto, muito mais do que tinha sido desde as origens do monaquismo, quando “o deserto se tornou uma cidade”. Perdemos, de repente, toda a sincronização com a sociedade. É um fato: embora a Igreja tenha tido sempre que enfrentar dificuldades, passamos, sem transição, de uma época com relativamente poucos problemas – o triunfalismo da Igreja foi, talvez, o maior problema – para uma época em que os problemas são muitos e manifestos. A nossa percepção da crise focaliza-se na rápida diminuição das vocações. E olhamos isso como um desafio pessoal, porque precisamos de vocações, não só para manter nossas instituições, mas também para ratificar nossa própria escolha de vida. É um fenómeno natural considerar o passado recente como o mais vasto. Uma perspectiva histórica mais ampla daria uma visão mais conforme à realidade, assim como uma maior confiança no valor da nossa vida, mesmo que isso não apague nenhum dos problemas atuais. Não terá chegado o tempo de nos concentrarmos na qualidade das vocações, mais do que na quantidade, e sobretudo na qualidade da nossa vida comunitária?



## PERGUNTAS EVENTUAIS PARA ANIMAR UM DIÁLOGO:

- a) A nossos olhos, quais os desafios que afetam a nossa comunidade atualmente? Quê fazemos para responder a eles?
- b) Fazemos planos para o futuro, ou contentamo-nos em reagir ao presente com uma certa saudade do passado?
- c) Somos capazes de identificar os “sinais dos tempos”?



## 1) COMUNIDADE

Deus criou os seres humanos para a vida familiar e a vida comunitária, para viver e trabalhar juntos, e para continuar a obra que Ele começou. Chamou Israel para fazer dele o seu povo e fez aliança com ele. Jesus chamou os seus discípulos para serem o novo Israel de Deus, a Igreja. Os discípulos de Jesus deviam ser pedras vivas, constituindo o Corpo de Cristo. A primeira comunidade cristã de Jerusalém é o modelo da vida monástica: punham tudo em comum e os discípulos eram fiéis ao ensinamento dos apóstolos (*didaché*), à comunhão (*Koinonia*) à fração do pão e às orações (Atos 2, 42) A vida comunitária é essencial para a Igreja, portanto também para a tradição monástica. São Bento fala da vida cenobítica, palavra tradicional para apresentar o mosteiro como um cenóbio (*coenobium*), descrevendo precisamente o gênero de vida daqueles que moram nele.

Acontece que muitos valores e costumes da vida familiar e tradicional perderam-se hoje na sociedade –

desaparecendo até nos países e religiões mais tradicionais. Isto desperta um desejo forte de redescobrir esta realidade. Como é nas nossas comunidades monásticas? Há o perigo real e verdadeiro de importar para as nossas comunidades ideais e comportamentos correntes no mundo exterior. É fácil tornarmo-nos um grupo de indivíduos que vivem debaixo do mesmo teto, mas sem partilhar um mesmo estilo de vida e os mesmos ideais. É urgente alimentar e construir uma verdadeira comunidade nos nossos mosteiros, aprofundando a realidade de uma autêntica comunhão. A *conversatio morum* só pode desenvolver-se numa comunidade verdadeira, quer dizer, onde há estabilidade. Devemos aprender a importância da escuta, do respeito, do acolhimento, da compaixão e do amor casto dos irmãos e irmãs, assim como dos hóspedes e vizinhos. É importante acreditar que, a partir da nossa profissão, a comunidade tornou-se a nossa verdadeira família; os laços de sangue passaram para segundo plano.

A verdadeira questão é saber como fazer a distinção entre um grupo de indivíduos e uma verdadeira comunidade. Onde se situa o equilíbrio, entre o indivíduo e a coletividade, que dá uma compreensão mais clara às nossas expectativas e aspirações? Quaisquer que sejam as dificuldades que uma comunidade possa atravessar, é vital dar testemunho, junto de jovens e de candidatos eventuais, da esperança e da felicidade profunda intrínsecas à vida monástica.

O clericalismo é um problema próprio das comunidades masculinas; os monges tornam-se padres e os candidatos entram para se tornarem padres, mais do que monges. Esta situação agrava-se ainda mais, quando o mosteiro põe mais o assento na formação sacerdotal, do que na monástica.

## PERGUNTAS EVENTUAIS PARA ANIMAR O DIÁLOGO:

- a) Quais são os maiores perigos que afetam hoje a vida comunitária no meu mosteiro? Consigo nomeá-los? Que medidas práticas precisamos para enfrentá-los?
- b) Como criar uma atmosfera sadia de caridade fraterna em nossa comunidade? O que é que falta para realizar os aspectos da vida descrita na Regra de São Bento e nas Constituições? Como remediar?
- c) Há uma verdadeira “cultura monástica” na minha comunidade? Temos uma visão comum? Estamos conscientes que um leader (um superior) por melhor que seja, não pode fazer nada se não tivermos uma visão comum?
- d) Para as comunidades masculinas: somos uma comunidade de monges, ou um grupo de padres (o clero)?



## **2) LEADERSHIP LIDERANÇA**

Liderança é um dos campos mais difíceis para a vida religiosa hoje; e no entanto, é indispensável para desenvolver e para manter uma boa vida comunitária no seio dos mosteiros. Muitas comunidades, hoje, têm dificuldade para eleger e guardar um bom superior. Mas uma comunidade incapaz de gerar seu superior será viável?

São Bento nos diz que o abade faz as vezes do Cristo na comunidade, que ele ensina por suas palavras e por seus exemplos, que é o intérprete da Regra e do Evangelho para a sua comunidade. Ele deve acompanhar e encorajar a comunidade; tem de ser ao mesmo tempo um pai e uma mãe, um irmão mais velho, um companheiro no caminho da vida. Não deverá ter preferidos, tratará cada membro da sua comunidade com justiça e moderação, procurando sempre o melhor para cada um. Um abade deve saber partilhar sua autoridade com outros monges e dirigir uma equipe. Deve poder trabalhar com os outros membros da sua comunidade,

com seu prior, com o mestre dos noviços ou o formador, com o ecônomo ou o procurador, com o irmão enfermeiro, o irmão hospedeiro, o irmão porteiro e todos os outros oficiais. O que São Bento diz do abade, vale para todo superior monástico.

Devemos nos esforçar para formar e treinar os futuros líderes da comunidade em todos os setores da vida comum. Os mosteiros, as congregações e as ordens devem consagrar a isso todos os recursos necessários. Todos os monges devem receber uma formação sólida. Se não tivermos bons dirigentes, bem preparados para os cargos, nossas comunidades vão fracassar e desmoronar. Ao mesmo tempo as comunidades devem aprender a ajudar e a sustentar seu superior, reconhecendo que todos somos frágeis e que todos temos necessidade do afeto dos nossos irmãos. É importante eleger um superior que tenha sabedoria e profundidade espiritual.

Certamente é preciso encontrar um equilíbrio entre saber descobrir e preparar os futuros dirigentes, e a necessidade de pôr em ação todo um processo eleitoral, para que uma comunidade consiga eleger seu dirigente com toda a liberdade, no momento oportuno. Isto significa que todos os irmãos em formação, e todos os membros da comunidade devem ser considerados como futuros superiores possíveis. Não se pode, de modo nenhum, designar tal homem ou tal mulher como sucessor do superior.

## PERGUNTAS EVENTUAIS PARA O DIÁLOGO:

- a) Minha comunidade atrai candidatos que poderiam ser futuros líderes? Se não, por quê?
- b) Os membros em formação recebem uma formação e um treinamento adequados para assumir postos de responsabilidade no seio da comunidade?
- c) Quais são as carências em nossa preparação para a eleição de um superior, e quais são as carências em nossa maneira de ajudar o superior uma vez eleito?
- d) Procuramos ver Cristo em nosso abade e em cada um dos irmãos? Reconheço o Cristo em mim mesmo?



### 3) FORMAÇÃO

Uma boa direção e formadores bem preparados não bastam para garantir uma formação adequada no mosteiro. A comunidade, no seu conjunto, pelo seu modo de vida, o seu comportamento, seu engajamento no ideal da vida monástica e, sobretudo, por sua oração, é por natureza o primeiro formador. É também importante sublinhar que todos, desde a nossa entrada na vida monástica, até à morte, somos responsáveis por nossa própria formação, pelo modo como nos damos à oração, à leitura, ao estudo, ao trabalho e à vida comunitária. Nenhuma comunidade pode sobreviver sem um programa de formação sério, ajudado pelo esforço sincero de cada um dos membros para viver fielmente sua vocação cenobítica. O mau exemplo de alguns pode destruir a coesão de todo o grupo. Não esqueçamos que um mosteiro é uma escola do serviço do Senhor e um centro de evangelização, tanto para os seus membros, como para seus hóspedes e seus vizinhos.



Um processo de discernimento prático e viável é necessário para cada etapa da formação monástica, desde o primeiro contato do candidato até à sua profissão solene, e mesmo até depois. Talvez não sejamos bastante minuciosos no discernimento dos candidatos. É preciso ter um extrato de antecedentes de boa conduta, assim como uma avaliação psicológica das aptidões do candidato antes de sua entrada. É preciso estabelecer uma política muito rigorosa de boa conduta para evitar a repetição de escândalos passados e atuais. É preciso preparar os candidatos para viverem o celibato e ajudá-los a praticar a castidade cristã. Devemos ser ótimos na prática do Evangelho. Só o Cristo deve ser o centro da nossa vida. Os candidatos devem ser iniciados à arte monástica de viver e aprender a construir a comunidade com um espírito de interdependência entre seus membros. Progressivamente devem tornar-se responsáveis por sua nova comunidade ou família monástica.

Todo candidato, masculino ou feminino, deverá fazer um sólido programa de estudos filosóficos e teológicos, quer se prepare, ou não, para o sacerdócio. E isto além de todos os estudos superiores julgados necessários, propostos ao candidato para que ele possa assumir plenamente sua parte no trabalho, ou no ministério da comunidade. Não se olharão despesas, e a dar-se-á prioridade a investir financeiramente neste campo. Mas tudo isto só terá sentido se os membros em formação forem permeáveis à ética do silêncio na vida monástica. A oração contemplativa só pode desenvolver-se num clima de silêncio. Os candidatos que vêm de um mundo muito ruidoso, e cheio de aparelhos barulhentos, terão de descobrir o valor e a beleza do silêncio, da solidão com Deus, do tempo vasto a consagrar cada dia à oração e à *lectio*. Aqui o exemplo dado pelo conjunto da comunidade é de grande importância.

## PERGUNTAS EVENTUAIS PARA O DIÁLOGO:

- a) No meu mosteiro a formação é obra de toda a comunidade?
- b) Como melhorar a formação inicial e a formação contínua na minha comunidade ou na minha congregação?
- c) Que meios financeiros adequados são reservados para tudo que se refere à formação?
- d) Nossos processos de discernimento são bastante rigorosos? Temos meios claros para perceber tendências e se preservar a tempo? Como melhorar?
- e) Minha comunidade é realmente um centro de evangelização? O Cristo é claramente visível no meio de nós?



#### **4) VOCAÇÃO**

Nenhuma vocação séria é fácil, quer seja para o casamento, o celibato, a vida religiosa, o sacerdócio, ou qualquer outra forma de vocação. A história da Salvação é uma história de vocação. Deus chama a criação para a existência. Depois chama o gênero humano para O conhecer, amar e O servir, constituindo famílias e comunidades de vida. Chama os patriarcas, os juízes, os reis e os profetas para formar e guiar uma nação e chama Israel para ser o seu povo, o povo de Deus. Jesus continua a obra do Pai; chama a si discípulos, sempre sob a ação do Espírito Santo. O Antigo e o Novo Testamento repetem constantemente esta mesma mensagem: “Não tenhais medo, Eu estou convosco”. Deus não se contenta em chamar homens e mulheres para a vida monástica; anda junto com eles no caminho monástico, tomando o Evangelho como guia. Hoje falamos de “crise de vocações”; trata-se de uma crise no plano humano, não no plano divino. Deus não deixou, de repente, de chamar

as pessoas para uma vida de obediência, de estabilidade, de *conversatio morum*, vida cenobítica que conduz à caridade perfeita. Mas as pessoas não são mais capazes, nem desejosas de escutar o apelo de Deus, seja porque têm medo, ou porque têm outros centros de interesse, ou porque não têm fé. E no entanto, a fé é muitas vezes o resultado do apelo de Deus. Certas comunidades monásticas, sobretudo no hemisfério Norte não querem, ou não podem ajudar as pessoas que procuram discernir o apelo de Deus. Estão convencidas de que não há mais vocações e entraram num caminho que as leva a ficar paradas, como numa garagem, à espera do fim. É preciso ensinar as comunidades a tomarem consciência de suas responsabilidades para suscitar e encorajar as vocações.

Hoje é dever das comunidades monásticas ajudar e acompanhar as pessoas jovens ou menos jovens, a discernir, descobrir e desenvolver sua vocação específica, qualquer que seja. Cada comunidade deve ter um programa vocacional sério e bem organizado. Talvez seja um novo ministério no seio do mundo monástico, sejamos provocadores para propor a vida monástica como um gênero de vida que atrai e é desejável, mostrando claramente que a procura de Deus continua a ser, ainda hoje, uma das propostas mais atraentes na vida. Talvez não seja o modo monástico tradicional de encontrar e encorajar os candidatos, mas devemos aceitar que o mundo mudou radicalmente, e que continua a mudar num ritmo sempre mais rápido. Tornemo-nos especialistas de comunicação nas redes sociais, para sermos conhecidos e acessíveis, abertos ao diálogo com quem quer que seja que pensa na possibilidade de uma vocação monástica. Esta proposta vale para as comunidades que estão em lugares do mundo em vias de desenvolvimento e em quaisquer outros. É interessante mencionar experiências que já existem em certas comunidades: convidar as pessoas a virem viver com a comunidade, por um tempo

limitado, que pode depois ser prolongado, e em certos casos levar a um compromisso definitivo. Temos o dever de abrir nossos mosteiros àqueles que querem conhecer e servir a Deus na vida monástica. O caminho talvez venha a ser longo, pois certas pessoas que batem às nossas portas não são católicas, às vezes mesmo nem são cristãs.

### PERGUNTAS EVENTUAIS PARA DIÁLOGO:

- a) Em que pastoral vocacional minha comunidade pode entrar? Há pessoas formadas para isso?
- b) Aproveitamos das boas fontes de vocações hoje? Temos, ao menos, contato com pessoas que procuram? Como contatar os “buscadores” de Deus?
- c) Que modelo alternativo de vocação podemos oferecer, na nossa comunidade, como por exemplo um compromisso temporário?



## 5) TRABALHO

O trabalho faz parte integrante da vida monástica. Na realidade toda a nossa vida é obra de Deus, *Opus Dei*. São Bento não disse só que “a ociosidade é inimiga da alma”, ou que “serão verdadeiramente monges se viverem do trabalho de suas mãos”. Mas organizou o horário monástico dando muito tempo ao trabalho, no desenrolar do dia. Concretamente, organiza o Ofício divino, especialmente as Horas Menores, de forma que os monges possam ter um dia de trabalho sem interrupção. São Bento é o primeiro legislador monástico a levar o trabalho a sério e a integrá-lo num horário. Até pensa na possibilidade dos monges virem a faltar ao Ofício, por causa dos duros trabalhos agrícolas exigidos em certas épocas. Mas também tem de respeitar o equilíbrio entre oração, trabalho e repouso. Devemos reconhecer o valor do trabalho na construção e unificação da comunidade, assim como na necessidade de ter entradas para cobrir as despesas, e poder fazer algum investimento mais tarde. A procura de

Deus deve estar no centro de todas as nossas atividades, e do amor fraterno, nosso objetivo. Para Santo Agostinho “a vida monástica é uma obra em si”; é verdade, mas não pode, de modo nenhum, servir de desculpa para se dispensar de trabalhar todo o dia. O capítulo 4 da Regra pode servir de orientação nesta matéria.

No mundo inteiro a vida muda rápida e drasticamente. A mecanização, a automatização, a computadorização, os meios eletrônicos, têm um grande impacto no trabalho, o que também, por sua vez, toca o trabalho na vida monástica. Uma grande parte dos nossos trabalhos eficazes no passado, não é mais viável hoje, quer seja na agricultura, na educação ou noutro campo. Muitas comunidades têm dificuldade para substituir seus trabalhos tradicionais por outros, procurando como incluir a maior parte da comunidade. Um trabalho comum constrói a coesão de uma comunidade monástica, mas isso é raro hoje. No entanto os monges têm competências e talentos diversos, e há sempre oficinas e artesãos nos mosteiros. O importante é que cada membro da comunidade trabalhe seriamente e bem. No entanto sempre pode haver um risco de dar-se a passatempos, ou de gastar dinheiro em experiências de projetos irrealistas. As comunidades inculcarão nos membros em formação o sentido da responsabilidade no trabalho, assim como a procura de um trabalho rentável, preservando a dimensão criativa e espiritual, em princípio inerente ao trabalho. Além disso, como ensina São Bento, a responsabilidade deve ser repartida para as tarefas dos cuidados das coisas do mosteiro. Todos devem participar nos trabalhos subalternos que asseguram o bom funcionamento do mosteiro.

É verdade que os mosteiros sempre se beneficiaram de dons e heranças, mas não podemos considerar isso como uma fonte de entradas. Os monges devem obrigar-se a um trabalho assíduo, para assegurar o ganha-pão do mosteiro e para ali-

mentar sua própria dignidade e autoestima. Obrigar-se e dar-se ao trabalho suscita o sentido da responsabilidade e da seriedade da vida, assim como um espírito de desapego e de serviço.

### PERGUNTAS EVENTUAIS PARA O DIÁLOGO:

- a) O nosso horário, e nosso gênero de vida permitem que todos os membros da comunidade trabalhem um dia inteiro? O que é que deveria mudar?
- b) O nosso trabalho, como a oração, une a comunidade num esforço comum? Respeitamos o trabalho e a contribuição de todos para a vida da comunidade?
- c) Nosso trabalho leva ao individualismo e ao orgulho, ou ao espírito de serviço, ao respeito mútuo e ao sentido da responsabilidade?
- d) Temos consciência da teologia do trabalho inscrita na Regra de São Bento? Reconhecemos a dimensão espiritual do trabalho como participação na criação de Deus?





## **6) ESTABILIDADE ECONÓMICA E FINANCEIRA**

Vivemos num mundo muito diferente do de São Bento. E, no entanto, para ele os monges deviam trabalhar para ganhar a vida, sem depender de doações de ricos ou de poderosos. O mosteiro devia poder responder às suas próprias necessidades e ajudar os pobres e necessitados. Uma comunidade monástica só será viável, se além de dispor de responsáveis, oficiais, e formadores, tiver também membros capazes de organizar, sustentar e administrar os bens da comunidade. A estabilidade financeira é essencial para o bem-estar de uma comunidade monástica. Não somente é necessário desenvolver um trabalho monástico para assegurar entradas suficientes que cubram as necessidades cotidianas da comunidade, mas que possibilitem pôr dinheiro de lado para as despesas urgentes e os investimentos. Nas urgências podem-se incluir as despesas de saúde não planificadas, embora seja preferível ter um programa de saúde para todos os membros da comunidade. Uma situação de urgência

pode ser uma catástrofe natural, certos prejuízos que não estão cobertos pelas apólices dos seguros. O estilo de vida da comunidade será sempre marcado pela frugalidade e austeridade, e, evidentemente com fé na Providência, mas é prudente ter reservas para poder enfrentar tempos difíceis, e para ter umas entradas a mais para a comunidade. Tendo em conta os doentes crónicos e os mais idosos de nossas comunidades, é bom prever uma aposentadoria suplementar para o tempo em que os mais velhos não possam trabalhar.

Um aspeto importante da estabilidade financeira é a obrigação de respeitar no trabalho o quadro jurídico e financeiro do país onde a comunidade vive. Procurar-se-á sempre ser justo com os funcionários registrados do mosteiro. Nós seremos julgados sobre o modo como tratamos nossos operários. É importante que toda a comunidade tenha uma comissão de finanças, ou um grupo de pessoas profissionais, de confiança, legalizados, e que as contas sejam feitas e verificadas por profissionais. Assim como no mosteiro tudo é comum a todos, conforme a natureza da vida cenobítica, e toda a forma de propriedade privada deva ser erradicada, assim também o bem comum é da responsabilidade de todos, em tudo o que diz respeito ao mosteiro e à vida dos seus membros.

Para uma comunidade monástica acumular riquezas não é sadio. Não se deve confundir segurança com supérfluo. Os edificios monásticos, embora espaçosos, limpos e que elevam a alma, não deveriam nunca parecer ricos, ou ser cheios de coisas inúteis. Os monges devem ter à sua disposição o que é necessário para viver a vida monástica, ou seja, silêncio, solidão, livros e uma biblioteca, e nada mais. A comunidade não deveria nunca diferenciar-se dos vizinhos com um estilo de vida não ajustado ao das pessoas no meio das quais vive e trabalha. É nosso dever dar testemunho da pobreza do Cristo.

Seria bom abordar abertamente e honestamente a seguinte questão: em certas sociedades os membros da família, especialmente os homens, devem contribuir para cuidar dos pais, irmãos e irmãs, sobretudo quando são idosos ou em mau estado de saúde. Este costume cultural não deveria ter lugar na vida monástica. Isto deve ser abordado de maneira transparente.

### PERGUNTAS EVENTUAIS PARA O DIÁLOGO:

- a) Todos os irmãos, ou irmãs estão informados sobre o estado financeiro de sua comunidade? É uma responsabilidade partilhada? Estão informados sobre o estado das contas mensais?
- b) Nossas finanças são bem geridas? Que fazer para melhorar a situação?
- c) Respeitamos o direito civil e o direito canônico? Nossas contas são controladas legalmente?
- d) Dependemos de dons ou heranças? Esperamos recebê-los como algo natural, ou devido?
- e) A propriedade privada é um problema na minha comunidade? Os ganhos são realmente postos em comum? Todo o material é comum?



## **7) O LUGAR DO MOSTEIRO NA IGREJA LOCAL E NA SOCIEDADE**

A hospitalidade é central na vida do povo de Israel e na vida da Igreja desde que Abraão e Sara acolheram anjos, - que os Padres consideraram a Santíssima Trindade. A hospitalidade está no coração da vida monástica. São Bento declara: “Os hóspedes nunca faltam no mosteiro”. E na Regra diz que a comunidade deve ajudar e sustentar os pobres da vizinhança, e receber peregrinos que vêm de longe. Na Idade Média este simples ato de caridade suscitou a construção de grandes hospedarias, que acolhiam centenas de peregrinos e de hóspedes. Foram criados hospitais para cuidar dos doentes e dos moribundos. Foram fundadas escolas de todo o tipo, onde se ensinava filosofia e teologia, lógica e matemática, música, arte e agronomia. Hoje o que a maior parte das comunidades pode oferecer ao resto do mundo é, por natureza, mais modesto e mais humilde; mas com valor. Muitos trabalham a nível do diálogo ecuménico e do diálogo

inter-religioso. Num mundo invadido pelo barulho, pelo stress, os mosteiros são oásis de silêncio e de paz, lugares de oração e de reconciliação com Deus. Não subestimemos nunca o poder do amor de Deus que toca o coração das pessoas que visitam os nossos mosteiros, por mais pequenas ou insignificantes que sejam. Os mosteiros estão no coração da Igreja local; dão testemunho profético da presença e da realidade de Deus, num mundo cada vez mais secularizado.

A abertura de uma comunidade monástica à Igreja local e à sociedade pode ter formas diversas. Os mosteiros sempre responderam às necessidades locais. Todos os mosteiros têm leigos oblatos, ou associados. Alguns criaram associações de amigos e benfeitores, de pessoas que partilham mais estreitamente a vida da comunidade no plano material ou espiritual. São uma grande ajuda para as nossas comunidades. Hoje em dia as pessoas se interessam pela Regra de São Bento, pela vida comum, pelos modos diferentes de rezar nas nossas comunidades, pelo canto gregoriano etc. Na mistura de culturas, certas sedes espirituais profundas nunca são saciadas. As comunidades monásticas de tradição beneditina e cisterciense têm muito a oferecer a um mundo sedento de Deus e de valores espirituais. Não deveríamos subestimar a missão que Deus nos confia hoje.

Para São Bento todas as coisas necessárias para a organização da vida em comunidade devem achar-se no recinto do mosteiro. Ele pede que os monges enviados em viagem não contem aos irmãos, na volta, o que viram ou ouviram no exterior. A realidade do mundo monástico hoje é muito diferente. Na era eletrônica com o desenvolvimento rápido da internet, os telefones portáteis, os tablets, os computadores, no tempo da mídia, é extremamente difícil estabelecer uma fronteira e ainda mais difícil pôr em prática uma separação entre os contatos necessários com o “mundo”

e os inúteis. O mundo invade o mosteiro como nunca antes. De repente é preciso ser muito disciplinado se não queremos ver desaparecer o nosso silêncio, nossa solidão, nossa paz e nosso recolhimento. Poder-se-ia dizer que o lugar da Praça Pública penetrou no claustro. São muitas as comunidades que, quando pessoas habituadas a estar conectadas, entram no mosteiro, não estão preparadas para enfrentar esse novo fenômeno. As comunidades monásticas deverão procurar adaptar-se, para não correrem o risco de rejeitar o que é útil e bom. No mosteiro o estudo e o trabalho devem ser a norma de vida, não o divertimento. Ora, estes utensílios usados de maneira judiciosa podem ajudar à edificação da vida comum e ser um bem inestimável para a formação monástica e as tarefas administrativas.

Nossos horários monásticos devem preservar grandes tempos de silêncio para dar-se à *lectio*, à oração pessoal ao estudo. Os momentos de recreio não devem ser usados para ver televisão, mas reservados para as conversas, os diálogos construtivos entre os membros da comunidade. Todos os aspectos da nossa vida devem edificar a comunidade e expressar a comunhão profunda entre os membros, marca de uma vida monástica sábia.

## PERGUNTAS EVENTUAIS PARA O DIÁLOGO:

- a) O modo como usamos os celulares, os tablets, os computadores e a internet protegem adequadamente a vida monástica da invasão do mundo exterior?
- b) Nosso mosteiro está marcado por um espírito de silêncio e de recolhimento?
- c) Como melhorar a qualidade dos recreios e do diálogo em comunidade?
- d) Que significa realmente a clausura hoje na minha comunidade?
- e) Como melhorar a hospitalidade na nossa comunidade? Os hóspedes são verdadeiramente acolhidos como o Cristo?
- f) Participamos plenamente na vida da Igreja local? Consideramos o bispo, o clero local e os outros religiosos como amigos da comunidade?
- g) Em que medida e de que modo estamos implicados na ajuda aos pobres? Podemos fazer mais?
- h) Em que medida nossos oblatos, ou associados, amigos e benfeitores estão integrados na vida da comunidade? Apreciamos-os verdadeiramente?

## **CONCLUSÃO**

Haveria outros temas da vida monástica e outros desafios a serem examinados de perto. Certos desafios são específicos da nossa época, outros aparecem de vez em quando, outros estão sempre presentes, e já apontados por São Bento. Cada comunidade, ou congregação, deverá elaborar seu programa de reflexão. Nós esperamos que os pontos levantados pela AIM sejam úteis para encorajar a reflexão, o diálogo e as tomadas de decisão.



